

**MOREIRA, Ruy; (1993) O CÍRCULO E A
ESPIRAL. A Crise Paradigmática do
Mundo Moderno. Rio de Janeiro: Obra
Aberta/Cooautor, 142 pgs.**

*Antonio Thomaz Jr.¹
Claudinei Lourenço²*

Ruy Moreira é um intelectual e militante marxista que reúne qualidades incomuns. Em todas as suas obras explicita seu comprometimento histórico de fazer da Geografia, enquanto ciência, um instrumento de luta dos trabalhadores, nos seus sindicatos, partidos políticos, etc., compromissados com o socialismo.

O "Círculo e a Espiral" é a síntese da crítica dura e inteligente, capitaneada no cenário da práxis da Geografia, que vem a público, reunida em quatro capítulos, que se pretendem polêmicos, por essência.

Procuram tais capítulos, dar conta, num esforço de síntese que vai do nível mais amplo do conhecimento ao contexto particular da geografia, da análise do esquema conceitual de classificação baseado na tri-

-
- 1 Professor do Departamento de Geografia da UNESP-Presidente Prudente e Doutorando do Programa de Geografia Humana da FFLCH-USP.
 - 2 Pós-graduando do Programa de Geografia Física da FFLCH-USP

partição natureza/homem/economia, largamente difundido na geografia e distribuídos respectivamente nos capítulos 1, 2 e 3. O capítulo 4 vem cumprir a função de amarrar essa discussão com a conjuntura, dando ênfase ao impasse que se instaura no seio do *Welfare State* e seu sustentáculo técnico-científico.

O arranjo do livro, pode no entanto, ganhar outros contornos, já que em nossa leitura o capítulo 1 ("A Insensível Natureza Sensível") e o capítulo 4 ("A Reinvenção do Mundo Moderno) mantém uma continuidade discursiva, ao passo que o capítulo 2 ("O Homem Estatístico") e o capítulo 3 ("O Espaço Mercadoria"), formam outro conjunto dentro do livro, claramente distinto na forma discursiva, embora mantenha - e talvez tenha sido a inspiração para tal - a forma de exposição. Tal fato se deve às filiações desses 2 últimos capítulos, uma vez que os mesmos são formulações anteriores, presentes em outro livro do autor: "O Discurso do Averso. Para a Crítica da Geografia que se Ensina", lançado em 1987, esgotado e jamais reeditado. Nada mais justo então, que o núcleo da discussão presente ali, o extenso capítulo 3 ("Ideologia e Política dos Estudos da População") retorne aqui nestes dois capítulos com algumas acomodações e reestilizados. Mas se essa descontinuidade causa um certo estranhamento, não prejudica em nada o conjunto do raciocínio do autor, didática e dialeticamente exposto.

Assim a concepção de natureza com a qual a geografia tem trabalhado, em suas divisões, geológica, climatológica, etc... é atrelada ao movimento mais amplo do conhecimento do mundo liderado pela física iluminista, que se põe em crise atualmente com o surgimento paradigmático do ecológico. Nesse ponto o autor propõe uma periodização de quatro fases do conceito de natureza na geografia e conclui: "Qualquer que seja a fase conceitual, vê-se que a geografia trabalha com conceitos de natureza que vai buscar fora de si mesma, extraíndo-os do pensamento geral. Até agora não percebemos que a Geografia Física assim se chama porque tem sido um reflexo no espelho da Física"(p.4).

A concepção de homem colocado nesse turbilhão da natureza, também será alvo de investigação. Das concepções que a Geografia tem

utilizado para suas filiações teóricas na demografia de Malthus, Smith e Ricardo, fica claro que a população pôde ser entendida a partir dos interesses econômicos/políticos de determinadas classes. Daí a necessidade da busca da leitura marxista da população dentro do modo capitalista de produção e não nas formas estatísticas/gerais da "Geografia da População".

O mesmo esquema de explicação dá conta das concepções de economia que a Geografia tem trabalhado e também de suas filiações, no caso reportadas da economia neoclássica até o Keynesianismo. Dessas constatações, o autor parte para entender o discurso geográfico econômico - dos três mundos, do subdesenvolvimento-desenvolvimento, dos setores econômicos, do par capitalismo-socialismo, da relação cidade-campo/ indústria-agricultura, etc...

Em toda essa discussão aparece subjacente à crítica, a estrutura dos livros didáticos de geografia, usados pelo autor na explicitação da crítica à forma como a geografia tem apresentado o mundo aos homens, reiterando assim, a proposta do "Discurso do Avesso", o de ser uma crítica - agora paradigmática - à geografia que se ensina.

O livro é concebido assim, num amplo leque de frentes, buscando na remodelação paradigmática atual, a oportunidade de fazer uma radiografia e um balanço da geografia.

Todavia, ao nível da discussão mais geral, o livro prende o leitor no leito turbulento do debate paradigmático, solidamente encrustado na Geografia, com raízes no Renascimento, enriquecido no Iluminismo, que entende o mundo e as coisas - a natureza, o homem e a economia - a um movimento em ciclos, lastreador da relação técnica de trabalho, padronizada pela repetição mecânica.

Ao lado do movimento cíclico se opõe, com o mesmo grau de determinação sobre os fenômenos, o movimento em espiral, padronizado de forma irreversível, pelo postulado químico-biológico, que tem por base a conservação da energia própria da química e o da transformação dos seres em seres novos e diferenciados, próprios da biologia.

Antonio Thomaz Jr. e Claudinei Lourenço

Dessa forma, o mundo passa a ser visto, a um só tempo determinado e indeterminado, complexo e diverso, orgânico e inorgânico, complexo e diverso, onde a dialética da diversidade encerra o movimento espiralado da reprodução por diferenciação da vida, que é próprio das ressintetizações biológicas. Precipita-se a reinvenção paradigmática.

No entanto, sintetizando a reinvenção técnica da velha subordinação da diversidade ao padrão filtrado de repetição mecânica, a biorrevolução tende a materializar em seus novos artefatos, o velho artifício da repetição mecânica, agora sob novas hostes, visando manter o *status-quo*, e dizer a que veio para ser a nova base científico-técnica de uma economia mundial e congenitamente balizada pela reprodução ampliada do capital.

Tais contornos ficam claros a partir da análise que o autor empreende de algumas evidências dessa estratégia global, como a ECO-92, postulando o patrimônio ecológico mundial, sem fronteiras ao passo que privatiza as potencialidades através da patente genética.

Essas evidências colocam-nos questões e um alerta feito pelo próprio autor: "Diante dessa reinvenção da contradição histórica entre a técnica e a natureza, o olhar de classe dos trabalhadores indaga: para onde a reinvenção cultural da base técnico científica tende a levar a sociedade, para nova repetição padronizante ou para o livre curso da diversidade? Se não se põe em dúvida a necessidade da superação da velha cultura técnico científica, uma lição se pode tirar da velha história: O capitalismo não é capaz de contemplar uma cultura da diferença com a liberdade humana que isso implica"(p.137).

Depois de ler esse livro, fica aos geógrafos uma instigante pergunta: pede o capital uma nova Geografia?